



AS PEDAGOGIAS MISSIONÁRIAS E O ATENDIMENTO À PRIMEIRA INFÂNCIA NA VILA OPERÁRIA DE FIORITA (SIDERÓPOLIS-SC)¹

Missionary pedagogies and the childhood of the Village of Fioreta (Siderópolis-SC)

Giani **RABELO**

Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Extremo Sul Catarinense
Criciúma, Brasil

gra@unesb.net

<https://orcid.org/0000-0002-3304-8268> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo ●

RESUMO

Em um contexto de expansão das vilas operárias em todo o País, o jardim de infância se constitui em uma das principais instituições de atendimento à infância. Nas vilas operárias da região carbonífera do sul de Santa Catarina, em especial a partir do final dos anos de 1950, essas instituições emergem sob a administração de religiosas de cinco congregações religiosas femininas. Em 1956, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade chegaram às vilas operárias da cidade de Siderópolis – Vila Rica e Vila C, de propriedade da Carbonífera Treviso, e Vila Fiorita, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN). É sobre essa atuação que trata este artigo, a fim de que sejam compreendidas as pedagogias missionárias em ação no campo da infância na Vila Operária Fiorita. Pode-se inferir que o trabalho das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade procurou moldar a infância dos filhos e das filhas dos operários da CSN, associando, principalmente, saberes pedagógicos e religiosos e, além disso, valores patrióticos.

PALAVRAS-CHAVE: Congregações Religiosas Femininas. Jardim de Infância. Vilas Operárias. Região Carbonífera. Santa Catarina.

ABSTRACT

In a context of expansion of working-class villages across the country, the kindergarten is one of the main institutions for childcare. In workers' villages in the southern coal region of Santa Catarina, especially from the end of the 1950s, these institutions have emerged under the administration of women religious from five female religious congregations. In 1956, the Little Missionary Sisters of Charity arrived in the working villages of the city of Siderópolis, in Vila Rica and Vila C, owned by Carbonífera Treviso, and in Vila Fiorita, by Companhia Siderúrgica Nacional - CSN. It is about this action that this article deals with, in order to understand the missionary pedagogies in action in the field of childhood in Vila Operária Fiorita. It can be inferred that the work of the Little Missionary Sisters of Charity sought to shape the childhood of the sons and daughters of the workers of CSN, associating, mainly, pedagogical and religious knowledge and, in addition, patriotic values.

KEYWORDS: Female Religious Congregations. Kindergarten. Worker Villages. Carboniferous Region. Santa Catarina.

¹ Este artigo é um recorte da Tese de Doutorado intitulada "Entre o Hábito e o Carvão: as Pedagogias Missionárias no sul de Santa Catarina na metade do Século XX" (2008).

INTRODUÇÃO

O surgimento do Jardim de Infância no século XIX não pode ser compreendido isolado de um movimento maior de redefinição do conceito de infância, movimento amplamente discutido na História e na História da Educação. Igualmente não pode ser entendido sem serem levadas em conta as mudanças ocorridas na relação da família, na concepção moderna, com seus filhos e suas filhas, a partir da concepção moderna de infância.

Esse novo entendimento de infância, que desembocou no seu processo de individualização e institucionalização, rompe com a ideia de que a criança é um “rebento do tronco comunitário” ou “parte de um grande corpo coletivo”. Para Jacque Gélis (2004, p. 319), essa alteração foi fruto de uma mutação cultural ocorrida a partir do século XV, com a emergência da “família nuclear”, reduzida ao casal e aos filhos. Tal mudança provoca a passagem “[...] de uma educação pública comunitária e aberta, destinada a integrar a criança na coletividade para que incorpore os interesses e os sistemas de representação da linhagem, a uma educação pública de tipo escolar, destinada também a integrá-la, facilitando o desenvolvimento de suas aptidões” (GÉLIS, 2004, p. 324-325). O que coloca em curso uma educação pautada em pressupostos modernos.

De um lado, a família moderna vê na escola uma forte aliada para preparar seus filhos e suas filhas para a vida; de outro, “[...] a escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso [...]” (ARIÈS, 1981, p. 277).

Nesse sentido, a escola, como instituição moderna que representa um modelo compacto do dispositivo disciplinar, torna-se um “[...] espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos num lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados [...]” (FOUCAULT, 1996, p. 174).

Foi no final do século XVIII que as instituições de educação para as crianças entre zero e seis anos de idade começaram a ser esboçadas no continente europeu, inicialmente voltadas para atender crianças pobres e mães trabalhadoras (KUHLMANN JR., 2001). Entre as várias instituições de educação infantil, foi o Jardim de Infância a experiência mais bem-sucedida no atendimento à infância, contrapondo-se às demais, sendo visto, às vezes, como possuidor privilegiado de uma concepção pedagógica.

Seu idealizador, Friedrich Froebel, abriu o primeiro *kindergarten* no final da década de 1840, em Blankenburgo, na Alemanha. Ao acreditar que a educação ministrada no lar e na escola estimulava a preguiça e a indolência, propôs a introdução de horas de trabalho manual na educação das crianças. A proibição dos jardins de infância em 1851² favoreceu sua propagação em várias partes do mundo (KUHLMANN JR., 2001).

O jardim de infância chega ao Brasil ainda no Império, convivendo com outras instituições, como creches e escolas maternais destinadas às crianças de famílias pobres, subordinadas a órgãos de saúde pública ou a órgãos de assistência. O primeiro jardim de infância foi criado em 1875, no Rio de Janeiro, junto ao colégio do médico Menezes Vieira, e era particular. Dois anos depois, foi implantado outro por imigrantes norte-americanos batistas, em São Paulo, pertencente à Escola Americana. Outras iniciativas foram implementadas posteriormente. Impõe-se destacar ainda que em 1882 o parecer de Rui Barbosa, ao tratar da reforma do ensino primário, dedicou um capítulo ao estudo do jardim de infância, considerando-o o primeiro estágio do ensino primário, com a incumbência de buscar o desenvolvimento harmônico da criança. Mas apenas em 1896 o Brasil assiste à criação de um jardim de infância público, o qual foi criado anexo à Escola Normal Caetano de Campos, em São Paulo (KUHLMANN JR., 2003).

A partir do século XX, principalmente nas duas primeiras décadas, começam a se expandir as instituições de educação infantil. Além de instituições de cunho assistencial, empresários também começam a investir na educação dos filhos e das filhas de operárias, principalmente daquelas trabalhadoras da indústria têxtil.

Nas décadas de 1920 e 1930, o País vê crescer o seu contingente urbano formado por operários, uma vez que estava em andamento o processo de industrialização e paralelamente vinha se implantando, apesar de tímida, a expansão da educação infantil. A preocupação com a infância ganha visibilidade nas políticas públicas promovidas pelo Estado à medida que o Brasil vai se modernizando.

Em um contexto de expansão das vilas operárias em todo o País, o jardim de infância se constitui em um dos equipamentos comunitários instalados e mantidos pelas próprias empresas. Nas vilas operárias da região carbonífera do sul de Santa Catarina, em especial no final dos anos de 1950, são implantadas instituições de educação infantil

² Segundo Allen, os *Kindergartens* receberam um forte apoio dos liberais e socialistas alemães em 1848, mas o regime reacionário prussiano os proibiu em 1851, por considerá-los centros de subversão política e de ateísmo, também por facilitarem e estimularem o trabalho das mulheres fora da esfera domiciliar e, além disso, por levarem as características femininas para a esfera pública (1988 *apud* KUHLMANN JR., 2001).

e religiosas de diferentes congregações; inscrevem-se, então, nesse movimento histórico de confinamento e cuidado da primeira infância, imbuídas do espírito educativo, social e catequético.

A região carbonífera compreendeu as cidades onde houve a instalação das minas de carvão e estrutura para o beneficiamento do mineral, a saber: Criciúma, Siderópolis, Içara, Lauro Müller, Urussanga e Tubarão.

Conveniadas às empresas, ao Serviço Social da Indústria (SESI) e à Sociedade de Assistência ao Trabalhador do Carvão (SATC), cinco congregações religiosas femininas, entre os anos de 1953 e 1982, atuaram nas vilas operárias localizadas em seis municípios da região. As congregações foram: Irmãs Beneditinas da Divina Providência, Irmãs do Instituto Coração de Jesus, Pequenas Irmãs da Divina Providência, Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade e Filhas do Divino Zelo. Nessas cidades, as religiosas empreenderam as pedagogias missionárias, por meio de trabalhos sociais, educativos e religiosos, urdindo uma forte rede no campo educacional escolar e não escolar.

As cinco congregações que atuaram nas vilas operárias da região carbonífera foram instituídas em território europeu, em meados do século XIX e início do século XX³. Com exceção do Instituto Coração de Jesus, de origem alemã, as demais congregações foram criadas na Itália.

O Jardim de Infância foi um espaço importante de atuação das religiosas. Essas instituições criadas pelas empresas carboníferas ou pelo Serviço Social da Indústria (SESI) atendiam crianças de três a seis anos, filhos e filhas das famílias mineiras.

A fim de compreender o trabalho das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade na Vila Operária Fiorita, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), na cidade de Siderópolis é que o item seguinte abordará uma contextualização dos trabalhos educativos das religiosas nas vilas operárias da região carbonífera.

³ Congregação das Irmãs Beneditinas da Divina Providência (1849), Congregação das Filhas do Divino Zelo (1887), Congregação das Pequenas Irmãs da Divina Providência (1889), Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (1915) e irmãs do Instituto Coração de Jesus (1922).

AS VILAS OPERÁRIAS E OS TRABALHOS EDUCATIVOS DAS CONGREGAÇÕES RELIGIOSAS FEMININAS

Apresentar alguns traços das vilas operárias, nas quais as cinco congregações religiosas femininas atuaram, ajuda-nos a compreender melhor a magnitude das pedagogias missionárias desenvolvidas com as famílias dos operários da região carbonífera e, principalmente, com as crianças pequenas.

Registros oficiais datam que a descoberta do carvão na região sul ocorreu em 1893 e que sua exploração se deu em 1913 com a mineradora Companhia Lages e Irmãos, a qual, em 1917, passa a ser denominada Companhia Brasileira Carbonífera de Araranguá (CBCA). A exploração desse minério atraiu para a cidade de Criciúma uma grande quantidade de trabalhadores em busca de novas oportunidades de emprego nas minas de carvão. A chegada dessas pessoas, que trouxeram consigo suas famílias, foi facilitada pela construção de um ramal da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina, pois essa ferrovia ligava os portos de Imbituba e Laguna até Araranguá, no estado catarinense (COSTA, 1999).

Assim, como o que ocorreu em outros lugares e países, a cidade de Criciúma vivenciou muitos problemas causados pela aglomeração no espaço urbano, com o aumento do setor industrial, que atraiu milhares de pessoas vindas do campo em busca de trabalho. E para atender a todo esse contingente populacional, os donos das empresas e dos meios de produção buscaram soluções nas construções das casas e vilas operárias. Além das casas, muitas vilas contaram com mercearia, clube, farmácia e jardins de infância para atender às necessidades dos trabalhadores mineiros. Segundo Rabelo (2007), entre os anos de 1945 a 1950, surgiram na região em torno de 40 mineradoras de pequeno porte, mas boa parte delas foi absorvida por mineradoras maiores, como a CBCA, a Cia. Carbonífera Próspera S.A. e a Companhia Nacional de Mineração de Carvão Barro Branco (CNMCBB), restando apenas 12 companhias carboníferas em 1970.

Ainda segundo a autora, entre os anos de 1953 e 1982, cinco congregações religiosas femininas atuaram nas vilas operárias do complexo carbonífero, mantidas pelos mineradores, a fim de promoverem ações com o intuito de amenizarem os graves problemas sociais gerados com a instalação das vilas operárias. Nesses locais, elas desenvolveram não só trabalhos de cunho social, mas também religioso e educativo (RABELO, 2007).

A imagem que se tem das primeiras vilas operárias da região carbonífera é retratada por casas simples e humildes, de madeira (individuais ou geminadas), escuras, com poucos cômodos, sem iluminação elétrica, sem água encanada, sem sistema de esgoto, com janelas de madeira, sem forro, cobertas com telhas de barro, com chaminés para conduzir a fumaça dos fogões a lenha e, por fim, construídas sobre a “pirita” (rejeito de carvão) (RABELO, 2007).

Esses tipos de casas simples eram oferecidos aos operários. As que tinham uma maior ou uma melhor estrutura eram especialmente reservadas aos encarregados, capatazes e funcionários do setor administrativo. As com melhor infraestrutura ficavam para os engenheiros, médicos e diretores, podendo ser claramente vista a divisão social nesse contexto.

O relato do Dr. Manif Zacharias, médico vindo para Criciúma em maio de 1944, descreve as condições de trabalho daqueles que fizeram de Criciúma uma cidade reconhecida pela extração de carvão:

Os trabalhadores mineiros, que durante muito tempo, tinham sua força de trabalho explorada pelos donos das minas. Jovens, inúmeros jovens, abandonavam a propriedade rural paterna e mergulhava no subsolo, nas galerias intrincadas e abafadiças, a dezenas de metros de profundidade, em busca de um ganho aparentemente mais fácil e rápido, ganho ilusório porém, já que auferido não apenas ao custo do esforço físico desgastante, mas principalmente – e o que era pior – como severo ônus do comprometimento irreparável da saúde e da validade. (ZACHARIAS, 1999, p. 19).

O quadro abaixo mostra a distribuição dessas vilas operárias, por empresa, nas cidades da região carbonífera catarinense, nas quais as congregações atuaram entre os anos de 1950 a 1980.

Quadro 1: Cidades da região carbonífera e respectivas vilas operárias e empresas (1950 a 1980)

CIDADES	VILAS OPERÁRIAS	EMPRESAS DO COMPLEXO CARBONÍFERO
Criciúma	-Rio Maina -União (Cidade Mineira) -Metropolitana -São Marcos -Boa Vista -Vila Visconde -Mina do Mato -Mina Naspolini -Mina do Bainha -Linha Batista -São Simão -Próspera -Operária Nova -Operária Velha - Mina do Toco	- Cia. Carb. Metropolitana - Cia. Brasileira Carb. de Araranguá –CBCA - Cia. Carb. Catarinense - Carb. Criciúma - Cia. Carb. São Marcos - Cia. Carb. Boa Vista - Cia. Carb. União Ltda - Cia. Carb. Pinheirinho - Cia. Carb. Monte Negro - Sociedade Carb. Brasil - Soc. Carb. Próspera. S.A.

	- Floresta - Laranjinha - Vila Macarini - Pinheirinho	
Içara	- Centro de Içara e Mineração de Içara	Carb. Barão do Rio Branco/MINERASIL
Siderópolis	- Fiorita e Vila Rica	Cia. Siderúrgica Nacional – CSN Cia. Carb. Treviso S/A
Lauro Müller	- Centro, Barro Branco, Guatá e Itanema	Cia. Nacional de Mineração do Carvão de Barro Branco – CNMCBB
Urussanga	- Santana	Mineração Geral do Brasil Ltda – MINERASIL
Tubarão	- Mendonça Lima (na localidade de Capivari de Baixo)	Cia. Siderúrgica Nacional – CSN

Fonte: Rabelo (2007, p. 63).

As primeiras vilas operárias que contaram com a atuação das congregações religiosas femininas foram aquelas situadas em Lauro Müller, à época distrito da cidade de Orleans. A partir de 1953, as vilas operárias localizadas no centro de Lauro Müller – nas proximidades do Lavador de Carvão –, Itanema, Barro Branco e Guatá, pertencentes à Companhia Nacional de Mineração de Carvão Barro Branco (CNMCBB), puderam contar com o trabalho assistencial e religioso das freiras do Instituto Coração de Jesus.

Em abril de 1954, um ano depois da instalação das religiosas do Instituto Coração de Jesus, chegaram a Rio Maina – atual distrito de Criciúma – as Pequenas Irmãs da Divina Providência, sendo ali, por elas, instalada a Casa Assistencial “São José”. Essa vila operária pertencia à Companhia Carbonífera Catarinense S.A.

No ano seguinte, em 1955, a mesma congregação se instalou na Vila Operária da Próspera, na cidade de Criciúma, que pertencia à Carbonífera Próspera, subsidiária da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), de Volta Redonda/RJ.

No mesmo ano em que as Pequenas Irmãs da Divina Providência foram trabalhar na Vila Operária da Próspera, isto é, em 1955, as Irmãs Beneditinas da Divina Providência se alojaram na Vila Operária de Santana, em Urussanga. Essas religiosas já estavam atuando em Urussanga desde 1943, quando assumiram a administração e os serviços de enfermagem do Hospital Nossa Senhora da Conceição (RABELO, 2007).

Em 1956, três anos depois de se instalarem nas vilas operárias de Lauro Müller, as religiosas do Instituto Coração de Jesus passaram a atuar também na Vila Mendonça Lima, de propriedade da CSN, na localidade de Capivari de Baixo, à época pertencente ao município de Tubarão.

Também em 1956, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade chegaram às vilas operárias de Siderópolis, com o desenvolvimento do trabalho na Vila Operária Vila Rica, de propriedade da Carbonífera Treviso, e na Vila Operária Fiorita, de propriedade da CSN.

No ano de 1959, por sua vez, as Filhas do Divino Zelo começaram a trabalhar na Vila Operária da Mineração, localizada no então distrito de Içara. Nesse mesmo ano, as Irmãs Beneditinas da Divina Providência se instalaram na Vila Operária Velha, em Criciúma.

A partir de 1964, as Pequenas Irmãs da Divina Providência – que já atuavam nas vilas operárias de Rio Maina e da Próspera, em Criciúma – estenderam suas ações em mais onze núcleos de trabalhadores, todos localizados na mesma cidade: União (Cidade Mineira), Metropolitana, São Marcos, Boa Vista, Vila Visconde, Mina do Mato, Mina Napolini, Mina do Bainha, Linha Batista, São Simão e Operária Nova. Esse trabalho foi oportunizado por meio de um convênio com a Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC).

Além desse trabalho, supervisionaram as outras congregações que continuaram atuando em Içara, Siderópolis e Lauro Müller, ou seja, as Filhas do Divino Zelo, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade e o Instituto Coração de Jesus, respectivamente.

Ao todo, atuaram em seis cidades do complexo carbonífero e em vinte vilas operárias, entre os anos de 1953 a 1982, sendo que o trabalho de maior abrangência se encontrava em Criciúma, ou seja, quatorze vilas operárias na sua totalidade. E as más condições de vida dos operários e de suas famílias serviram de principal fundamento para as ações que compuseram as pedagogias missionárias das cinco congregações.

Neste contexto, Siderópolis contou com o destacado trabalho das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade articulado com a Carbonífera Treviso e Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), merecendo destaque as atividades realizadas no Jardim de Infância que funcionou na Vila Operária Fiorita.

“RENOVAR TUDO EM CRISTO”: PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE E A ALIANÇA COM A CSN PARA ATENDER À INFÂNCIA

Em 1956, as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade chegaram às vilas operárias da cidade de Siderópolis, no estado de Santa Catarina. Contaram com o

trabalho dessas religiosas a Vila Rica e a Vila C, de propriedade da Carbonífera Treviso, e a Vila Operária Fiorita, da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

No dia 2 de setembro de 1956, as religiosas foram homenageadas na chegada, na praça central de Nova Beluno (antigo nome da cidade de Siderópolis), por um grande número de pessoas. Passaram a morar em uma modesta casa atrás da Igreja Matriz, que se tornou sede do então fundado Instituto Nossa Senhora de Lourdes. Atuaram no instituto e nas vilas operárias as irmãs Maria Valéria, Maria Daniela, Maria Petronilla, Maria Clara, Maria Tarcísia, Maria de Lourdes, Maria de Fátima, Maria Auxiliadora, Maria Albertina e Maria das Neves, entre outras.

No início, dedicaram-se às atividades de limpeza, rouparia e cozinha no seminário e também de limpeza na paróquia, além da catequese. No entanto, com o intuito de buscarem melhores condições para a própria manutenção, realizaram um trabalho com os operários da Carbonífera Treviso e da estatal Companhia Siderúrgica Nacional (CSN).

Inicialmente procuraram o escritório da Carbonífera Treviso, empresa com a qual firmaram convênio, a partir de 1º de outubro de 1956, com o objetivo de prestarem serviço no atendimento às crianças de três a seis anos, filhos e filhas de operários, em um Jardim de Infância, além de prestarem assistência às famílias (INSTITUTO NOSSA SENHORA DE LOURDES, [19--?]).

O Jardim de Infância Nossa Sra. de Lourdes foi instalado em uma pequena sala de madeira preparada pela carbonífera para atender, inicialmente, 15 crianças, sob a supervisão da irmã Maria Valéria, primeira coordenadora do Instituto Nossa Sra. de Lourdes, entre os anos de 1956 a 1958.

Uma das religiosas que atuou diretamente nas famílias operárias da Carbonífera Treviso foi a irmã Maria Assunta. Como os trabalhadores da empresa, dependendo da função que ocupavam, moravam em vilas diferentes – na Vila Rica moravam os que ocupavam cargos mais altos, e na Vila C os operários da produção –, a irmã Maria Assunta se dedicava mais às famílias da Vila C. Ela era uma espécie de enfermeira social, realizava visitas domiciliares e ministrava cursos de enfermagem caseira, além de ensinar as mães sobre os cuidados em relação às doenças infantis, como, por exemplo, fazer medição de temperatura, aplicação de injeções, entre outros. Também “[...] procurava ajudar nos problemas familiares, nos óbitos e outros, dando conforto e assistência [...]”⁴ às referidas famílias. Além dos cursos de enfermagem caseira, outra

⁴ Carta escrita pela Ir. Maria Assunta, recebida em fevereiro de 2006.

opção para as mulheres eram os cursos de corte e costura. Nos locais onde não era possível ir de carro, a irmã Maria Assunta se locomovia a cavalo.

A evangelização não se resumia à catequese às crianças da vila operária, estendendo-se aos adultos, principalmente aos casais cuja união não era reconhecida pela Igreja e que, conseqüentemente, não eram autorizados a batizar seus filhos e filhas. Sobre esses casos, falou irmã Maria Assunta: “[...] nós trabalhávamos para que cumprissem o dever de cristãos”⁵. Irmã Maria Assunta também realizava um trabalho de evangelização voltado às esposas dos operários, então, para cumprir essa finalidade, fundou o Coral Nossa Senhora das Graças, além de presidir a Pia União Filhas de Maria.

Figura 1: Primeira Eucaristia na Igreja Matriz de Siderópolis (década de 1960)



Fonte: Álbum de fotografias das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (2006)

Todo trabalho que era realizado com as famílias era registrado em relatórios, os quais eram entregues à empresa Carbonífera Treviso, mais precisamente ao senhor Gastão, então Chefe de Departamento de Pessoal, que acompanhava o andamento das atividades. Por intermédio dele as religiosas buscavam resolver as reclamações ou as reivindicações dos operários, visando atender certos problemas que elas não tinham como solucionar sem o apoio da empresa.

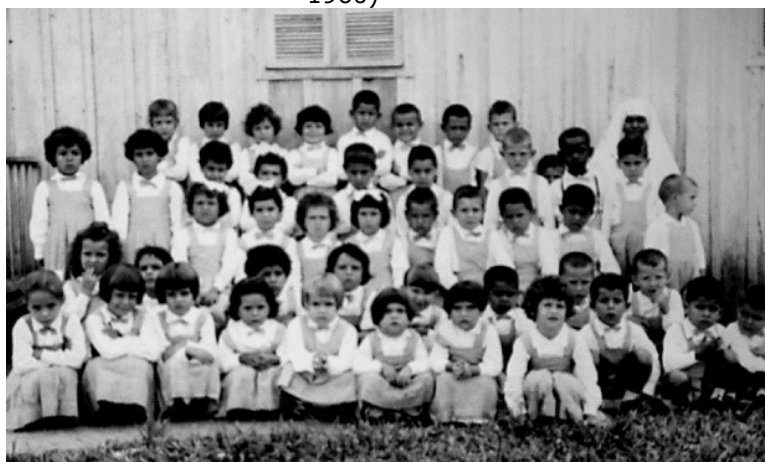
Consta, ainda, no Histórico do Instituto Nossa Senhora de Lourdes (19--?), que após alguns dias do início dos trabalhos com as crianças e as famílias dos operários da Carbonífera Treviso, a congregação foi procurada pela CSN para que oferecesse o mesmo atendimento a seus operários.

Foi criado um novo estabelecimento para atender os filhos e as filhas dos operários, que passou a se chamar Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida, dessa

⁵ Carta escrita pela Ir. Maria Assunta já citada.

vez na Vila Residencial, onde residiam os empregados do alto escalão da estatal, tendo na direção as irmãs Maria de Lourdes e Maria de Fátima. Após um ano de experiência, em 1958, o estabelecimento registrou o seu primeiro estatuto social. Funcionou até o início dos anos de 1960 na Vila Residencial, depois foi transferido para uma sede própria na Vila Operária de Rio Fiorita, também da CSN.

Figura 2: Crianças em frente ao Jardim de Infância na Vila Residencial (início da década de 1960)



Fonte: Álbum de fotografias das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (2006).

Entre a CSN e as Pequenas Missionárias da Caridade foi estabelecido um contrato particular para prestação de serviços de assistência religiosa e social e Jardim de Infância, que entrou em vigor a partir do dia 1º de outubro de 1956. Quem intermediou o acordo entre as partes foi o Pe. Pedro Pellanda, referendado por Dom Anselmo Pietrulla, então Bispo da Diocese de Tubarão. No contrato rezava que a congregação deveria colocar duas religiosas à disposição para realização dos trabalhos, cabendo à CSN fornecer às irmãs moradia, luz, alimentação, transporte, assistência médica, além de pagar “[...] mensalmente à Superiora das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade a importância de Cr\$ 1.500,00, como ordenado de cada uma das irmãs” (COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL, 1957, p. 1).

Sobre o convênio, a ex-freira Helena Patel Magagnin, que atuou no Jardim de Infância anos mais tarde, informou que elas não recebiam o dinheiro diretamente, uma vez que os valores eram repassados diretamente à congregação – nesse caso, o Instituto Nossa Senhora de Lourdes. Ainda acrescentou: “[...] a gente não era empregada, mas quase era negociada” (Helena Patel Magagnin, 2005).

Inicialmente, as duas irmãs, Maria de Lourdes e Maria de Fátima, moravam nas instalações onde funciona o próprio Jardim de Infância, na Vila Residencial, constituindo-se ali uma comunidade, tendo inclusive uma pequena capela nas

instalações. Entretanto, por determinação superior, elas tiveram que transferir sua residência para o Instituto Nossa Sra. de Lourdes, situado no centro da cidade de Siderópolis. A medida foi resultante da aprovação de uma determinação que estabelecia que uma comunidade deveria ser composta por pelo menos quatro freiras. Sobre isso, a irmã Maria Petronilla se manifestou em documento enviado ao senhor Firmino, funcionário da CSN, em fevereiro de 1958.

Na área social, em Siderópolis, a CSN contava com a DSS/SC-1, ou seja, com a Divisão de Serviço Social de Santa Catarina/Siderópolis, vinculada ao DSS/SC – Departamento de Serviço Social de Santa Catarina, que funcionava em Tubarão, nas instalações da CSN. Por meio desse setor, foram intermediadas as negociações para obtenção de algumas melhorias para as famílias, como, por exemplo, a ampliação ou a troca das casas quando as famílias aumentavam.

A DSS/SC-1 também era responsável pelo abastecimento da cooperativa de gêneros alimentícios e de primeiras necessidades, que eram entregues nas casas dos operários. O senhor João Rossa assim descreveu: “A gente só mandava à notinha do que precisava e o caminhão vinha trazer. O caminhão do pão e da carne passava todos os dias na porta de casa” (João Rossa, 2005). Um dos registros que consta no Relatório das Atividades do DSS-SC, relativo ao ano de 1966, ratifica essa afirmação. A carne era fornecida diretamente pela CSN por meio de açougue próprio, sendo que o produto era adquirido de “[...] terceiros e retalhado para venda ao preço de compra, correndo pela CSN os encargos de pessoal, material de consumo, despesas diversas – inclusive distribuição a domicílio aos empregados residentes em Rio Fiorita e Siderópolis – Sede” (RELATÓRIO do DSS-SC/CSN, 1966, p. 12-13).

O senhor João Rossa ainda comentou que “[...] os empregados da CSN eram considerados uns doutores, era o tempo das vacas gordas”. O senhor Dequinha, ao se referir com saudade àquele tempo em que as condições de vida eram bem melhores que no presente, ilustrou dizendo:

[...] a companhia dava parteira, dava o médico, dava o remédio, dava o hospital. A gente chegava no Hospital São José e ao saberem que a gente era funcionário da CSN, eles vinham atender correndo. Se não tivesse um quarto de primeira ou um apartamento eles eram capazes de tirar alguém para colocar o empregado da companhia, porque a empresa pagava tudo. Aquilo ali era sagrado, a gente não tinha despesa com nada (Manoel Ângelo Domingos, 2005)

Pelo departamento também eram realizadas visitas domiciliares. A Assistente Social estimulava as famílias a terem mais filhos. O senhor Dequinha, relatou que os operários casados que não tinham filhos ou que tinham poucos eram chamados a dar

explicações. Diferentemente de outras vilas, a mortalidade infantil não era algo que preocupava, uma vez que existiam vários atendimentos prestados pela empresa, que iam desde os exames de pré-natal, acompanhamento da gestação, realização dos partos pelos médicos e parteiras, até o cuidado no Jardim de Infância.

Figura 3: Dr. Girão com a parteira e os enfermeiros em frente ao Ambulatório da CSN (Déc. 1960)



Fonte: Arquivo particular de Emília de Bragança Gyrão (2006).

Nas palavras do senhor João Rossa, em Siderópolis “[...] nascia filho a dar com um pau” (João Rossa, 2005) (expressão utilizada por ele para dizer que nasciam muitas crianças). Ele acrescentou que na Vila Operária de Fiorita não havia problema de mortalidade infantil, porque as crianças eram muito bem tratadas pela empresa, inclusive com a distribuição de leite para o mingau. Na época, eram distribuídas latas de “Leite Ninho”, mas no final de cada mês as mães das crianças tinham que levar seus filhos ao ambulatório médico para pesar. Para garantir o bom desenvolvimento das crianças, o DSS-SC-1 costumava promover o “Concurso de Robustez”. Uma das filhas do senhor João Rossa, Rosimeri, obteve o primeiro lugar em um dos concursos.

Figura 4: Entrega de certificado em um dos Concursos de Robustez no Recreio do Trabalhador (Déc. 1960)



Fonte: Arquivo particular de Emília de Bragança Gyrão (2006).

Esses concursos remontam aos anos de 1902, quando o Dr. Mocarvo Filho, fundador do Instituto de Proteção e Assistência à Infância, no Rio de Janeiro, instituiu concursos “[...] premiando as mães pobres que alimentassem naturalmente seus nenês até o sexto mês” (RAGO, 1997, p. 79). Todavia, ao contrário do que se fazia na capital do País, em Siderópolis, as mães eram incentivadas a alimentarem seus filhos com leite artificial. No “Regulamento de Assistência à Saúde”, datado de fevereiro de 1970, no item Assistência à Maternidade e à Infância, consta que a empresa deveria proporcionar “[...] aos dependentes dos empregados – providos em cargos de nível salarial igual ou inferior a 10 (dez) – a distribuição gratuita de leite, necessário e compatível com os ditames da boa técnica médica e aos princípios básicos da assistência e proteção à maternidade e à infância [...]” (COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL, 1970, p. 41).

Nos festejos de final de ano, a CSN costumava presentear os filhos dos operários. A esse respeito, o senhor Dequinha (Manoel Ângelo Domingos, 2005). comentou que quando chegava o fim de ano, no Natal, quem tinha bastante filho, “[...] como nós tínhamos, subia com um saco e enchia o saco de presentes. Para as meninas era um tipo de presente e para os meninos era outro, então eles colocavam tudo junto e a gente vinha com o saco cheio embora”.

A CSN também mantinha um convênio com a fábrica de brinquedos “ESTRELA”, e os operários, por meio de um mostruário, escolhiam os itens que desejavam adquirir, a serem descontados em folha de pagamento posteriormente.

A Divisão de Serviço Social – DSS/SC-1 também era responsável pela programação do Cine Recreio do Trabalhador. Vários filmes eram exibidos, a maioria norte-americanos (Manoel Ângelo Domingos, 2005). Os filmes eram dirigidos a diversas faixas etárias, no entanto, nem sempre os pais ficavam atentos para que seus filhos

apenas participassem das sessões de matinê ou das sessões noturnas com censura livre, como está registrado na correspondência enviada aos operários, intitulada “COLABORE EM BENEFÍCIO DE SEU FILHO”, que alertava:

Colabore em benefício de seu filho, VOCÊ estará sendo o seu melhor amigo e estará, também, ajudando a C.S.N., e às autoridades competentes a protegê-lo e a assisti-lo devidamente em todas as diversões públicas. VOCÊ sabe que existe uma Legislação de Assistência e Proteção aos menores no que se refere à presença dos mesmos nessas diversões. Zelosa em se manter atenta a essa Legislação em benefício de seu filho, a CSN conta com VOCÊ na observância das recomendações que se seguem:

- 1) Não deixe seu filho, se ele tem menos de 14 anos, assistir, sozinho, as sessões cinematográficas noturnas. Faça-o acompanhar sempre de VOCÊ ou de uma pessoa de responsabilidade;
- 2) Evite levar seu filho, se ele tem menos de 5 anos, as sessões cinematográficas, quer sejam diurnas ou noturnas;
- 3) Seja VOCÊ o primeiro a colaborar em benefício do seu filho, não permitindo que ele – se for menor – assista aos filmes considerados como impróprios para menores;
- 4) Não permita que seu filho, se for menor, se faça comparecer desacompanhado aos bailes públicos. Acompanhe-o sempre ou faça-o acompanhar de uma pessoa de responsabilidade⁶.

O fato de as freiras estarem vinculadas à DSS/SC-1 implicava o acompanhamento desta em relação às atividades realizadas por elas no Jardim de Infância. A partir dos três anos, os filhos e as filhas dos operários passavam a frequentar o Jardim de Infância Nossa Sra. Aparecida localizado na Vila Residencial, transportados diariamente pelo ônibus da própria empresa. Um grupo era levado e trazido de volta no período matutino e o mesmo acontecia com o outro grupo de crianças que frequentava o jardim à tarde. Essa rotina foi mantida até o início dos anos de 1960, quando o Jardim de Infância começou a funcionar na Vila Operária de Fiorita, em instalações mais adequadas, construídas especificamente para essa finalidade. Abaixo segue uma imagem da edificação que manteve sua arquitetura, mas que teve sua denominação alterada.

⁶ Correspondência encaminhada aos operários da CSN/Siderópolis no dia 21 de agosto de 1958, pelo Assistente Social Luiz José Guidacci – Chefe da DSS/SC-1 – e pelo senhor Miguel Lourenço de Almeida – Chefe do DSS/SC.

Figura 5: Jardim de Infância Pequeno Príncipe (parte externa), 2008



Fonte: Acervo particular da pesquisadora (2008).

Nota-se que essa nova estrutura atendia aos conhecimentos médicos e pedagógicos do período, uma vez que as salas eram amplas, iluminadas, com banheiros individualizados, mobílias adequadas às crianças, pátio amplo com parque, local específico para a direção e para a preparação dos alimentos.

O senhor Jonas Laurentino da Silva não frequentou o educandário quando criança, mas se recordou das religiosas. Morador do bairro Rio Fiorita, afirmou que as religiosas chegaram ao local em meados da década de 1960 para iniciar as atividades. Sobre isso ele comentou:

Na verdade, eu não cheguei a frequentar o jardim de infância, mas eu me recordo muito bem do jardim, na rua 3 esquina com a rua 18, no bairro Rio Fiorita. Foi um jardim construído pela Companhia Siderúrgica Nacional, CSN, firma Estatal. Isso foi mais ou menos pela década de 60. Em 61, 62 começou a funcionar aqui no bairro Rio Fiorita mais ou menos nesses anos aí (Jonas Laurentino da Silva, 2008).

Irmã Maria de Lurdes⁷, hoje ex-freira, ingressou na congregação em 1962, trabalhou de 1972 a 1973 como uma espécie de professora auxiliar, no jardim de infância, quando ele já funcionava na Vila Operária de Fiorita. Nessa época, a responsável pelo grupo de religiosas da comunidade das Pequenas Missionárias da Caridade de Siderópolis era a irmã Maria das Neves. O cuidado com o espaço físico fica evidenciado neste depoimento da ex-freira: “[...] havia cozinha, havia parquinho, havia um espaço grande para as crianças brincarem, porque tinha grama, tinha areia. Tanto que o seu Pires era quem cuidava da limpeza, ficava tudo arrumadinho para as crianças brincarem. Era tudo cercado” (Maria de Lurdes Daboita Pereira, 2008).

⁷ Maria de Lurdes Daboita Pereira deixou a vida religiosa anos mais tarde, 11 anos depois de ter ingressado na congregação.

Ao tentar descrever o seu trabalho com as crianças, ela assim se manifestou:

[...] eu sei que a gente tinha a obrigação de cuidar das crianças durante a aula, cuidar da disciplina, cuidar dos trabalhos que elas estavam fazendo, manter organizado na hora do lanche, na hora do recreio, principalmente para que as crianças não se machucassem. Aquele cuidado todo que a gente tinha ali era, eu pensando hoje, acho que eu era mais ou menos uma auxiliar de classe ali com elas, com as crianças. E tinha alguém, provavelmente uma pedagoga, que era responsável, não me lembro de nomes. (Maria de Lurdes Daboita Pereira, 2008).

Ela acrescentou que procurava deixar a “sala de aula bem alegre”. Nessa época, discutia-se a importância de as salas de aula serem atrativas para as crianças. A rotina de atividades realizadas diariamente com as crianças sempre começava com uma oração, “[...] pois como elas eram cuidadas por religiosas era normal que se iniciasse os trabalhos sempre com uma oração” (Maria de Lurdes Daboita Pereira, 2008).

O trabalho religioso das freiras com as crianças no Jardim de Infância, como as orações e os cantos religiosos, está diretamente ligado aos princípios de Froebel sobre Jardim de Infância, que, por sua vez, era de família luterana e acreditava que a educação deveria estar fundamentada na tríade formada pela natureza, pela humanidade e por Deus, denominada “unidade vital”, na qual “[...] a educação deveria estar alicerçada para poder conduzir o indivíduo ao desenvolvimento pleno”, como afirma Arce (2002, p. 49).

Sobre a formação pedagógica para trabalhar com as crianças, Maria de Lurdes não se recordou de ter participado de cursos com essa finalidade, mas é bem provável, segundo ela, que as professoras contassem com algum tipo de orientação de um profissional da área.

As datas cívicas sempre faziam parte das atividades desenvolvidas no Jardim de Infância, “[...] com trabalhos, com atividades, com cantos [...]” (Maria de Lurdes Daboita Pereira, 2008). Em relação a essas datas, o senhor Jonas se lembrou das crianças participando das comemorações do Dia da Independência do Brasil, 7 de setembro:

[...] elas participavam e elas adoravam participar. Elas tinham um espírito de patriotismo desde crianças. Quando ia se aproximando, uma, duas semanas para o 7 de Setembro, elas não falavam de outra coisa a não ser 7 de Setembro. [...] Era um entusiasmo muito grande de participar de um desfile de 7 de Setembro, incomodavam os pais para cedo se arrumar a poder participar do desfile. (Jonas Laurentino da Silva, 2008).

Certamente, essa atitude tinha como objetivo instigar nas crianças o sentimento de patriotismo.

Figura 6: Crianças do Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida no desfile de 7 de setembro de 1971



Fonte: Arquivo pessoal de D. Maria Tereza da Silva (2006).

Sobre os problemas de disciplina, a ex-religiosa Maria de Lourdes afirmou que, apesar de ter um número elevado de crianças, havia poucas brigas, as crianças eram mais calmas. Para ela, “[...] era muito mais fácil trabalhar com elas naquela época do que hoje” (Maria de Lourdes Daboita Pereira, 2008).

No Jardim de Infância, havia o emprego dos testes de inteligência, como registrado no relatório do mês de dezembro de 1966, assinado pela irmã Maria Albertina. Segundo ela, “[...] foram feitos alguns testes de inteligência por meio dos quais muitas crianças demonstraram o nível de desenvolvimento” (CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE, 1966, p. 5).

Destacam-se, ainda, as festas promovidas pelo Jardim, como a festa no Dia das Mães, dos Pais, Juninas, entre outras datas festivas. As festas eram realizadas nas próprias dependências do estabelecimento.

Figura 7: Comemoração em uma das salas do Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida



Fonte: Álbum de fotografias das Pequenas Missionárias da Caridade (2006).

Há indícios de que os aniversários das crianças eram comemorados com festas nas dependências do jardim, de acordo com a imagem que segue:

Figura 8: Crianças no Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida (Déc. de 1970)



Fonte: Álbum de fotografias das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade (2006)

Outras datas eram comemoradas no Recreio do Trabalhador. As imagens que seguem testemunham isso:

Figura 9: Apresentações artísticas das crianças do Jardim de Infância Nossa Senhora Aparecida no Recreio do Trabalhador de Siderópolis



Fonte: Álbum de fotografias das Pequenas Missionárias da Caridade (2006)

O senhor Jonas se lembrou de que havia um grande número de crianças no Jardim de Infância pertencentes a diferentes classes sociais e raça/etnia. Além de transportar as crianças de famílias que moravam mais distantes, a CSN oferecia outros benefícios, ou seja, “[...] a CSN também ajudava as crianças com leite, pois a CSN já dava o leite para empregados, então estendia para os filhos. Também ela ajudava nos materiais que as crianças utilizavam no jardim [...]” (Jonas Laurentino da Silva, 2008).

Sobre o motivo de não ter frequentado o jardim de infância, o senhor Jonas comentou: “Bom, eu não frequentei porque os meus pais, na época, eram evangélicos, são até hoje. Eu não sei se eles tinham alguma coisa contra as irmãs, isso eu não sei, porque nunca foi falado” (Jonas Laurentino da Silva, 2008). Para ele, o fato de não ter frequentado o Jardim de Infância não lhe gerou nenhum sentimento ou problema quando criança.

Pode-se inferir que outras famílias evangélicas também não matriculavam seus filhos. Isso nos leva a indagar sobre o que levou uma empresa estatal como a CSN, pertencente a um Estado laico, ter contratado freiras para fazerem esse trabalho com os filhos e as filhas de seus operários.

Anos mais tarde, quando seus filhos/as passaram a frequentar o jardim, recordou o senhor Jonas que além das religiosas havia professoras leigas. As crianças frequentaram o Jardim de Infância entre três e seis anos, e ele avaliou que eles saíram preparados para o primário. Na condição de pai, ele participava de festas como Dia dos Pais, Festas Juninas, entre outras.

Sobre as atividades desenvolvidas no educandário, comentou que eram baseadas em brincadeiras e recreações que desenvolviam a criatividade das crianças. Elas aprendiam a desenhar, pintar e também bons comportamentos. Além dessas, outras atividades eram praticadas, como “[...] passeios, piqueniques, conhecer os arredores do bairro, da cidade de Siderópolis. Essas atividades aconteciam porque a CSN tinha um ônibus e proporcionava isso às crianças” (Jonas Laurentino da Silva, 2008).

As crianças também participavam de funerais infantis. Sobre esse respeito, o senhor Jonas comentou:

Ah, acompanhavam. Na época dos meus filhos que eu me lembro, quando morria uma criança eles iam tudo. Isso aí era, não era costume, era uma coisa que as próprias irmãs gostavam de fazer pra cultivar nas cabeças das crianças. Tinha que ter um certo respeito pelo próximo, pelos seus amigos (Jonas Laurentino da Silva, 2008).

O outro evento, de cunho religioso, do qual as crianças participavam eram as missas rezadas pelo vigário local com o auxílio das freiras. O senhor Emeri Dallefe, outro morador da Vila Operária Fiorita, por ter sido comerciante e não funcionário da CSN, seus filhos não tiveram acesso ao Jardim de Infância, pois a companhia disponibilizava esse benefício apenas para os filhos e as filhas de seus operários: “Não podia. Era só para filho de empregados mineiros, os meus ficavam fora do jardim, ficavam espiando” (Emeri Dallefe, 2005).

Em meados dos anos 1970, a ex-freira Helena Patel Magagnin atuou no Jardim de Infância Nossa Sr^a. Aparecida durante aproximadamente oito meses. Ela se lembrou

de que havia um trabalho também com as famílias das crianças por intermédio das mães. Eram realizadas reuniões mensais para que ela pudesse orientá-las sobre a educação dos filhos. Antes de dar qualquer tipo de orientação, a religiosa as ouvia para depois fazer seus comentários e dar conselhos. Algumas mães não iam às reuniões porque seus maridos não permitiam, pois, segundo ela, tinha “[...] marido que bebia muito e tinha mãe que nem podia ir na reunião, pois o marido não deixava, aí então eu tinha que ir lá na casa dela na hora que o marido não estava” (Helena Patel Magagnin, 10/08/2005).

A irmã Maria de Lourdes a ajudava, principalmente nas visitas em que havia necessidade de um acompanhamento mais direto e sistemático.

Tendo que dar conta de um número significativo de crianças, a ex-freira Helena relatou que, às vezes, era difícil manter a ordem. Atribuiu ao seu lado espiritual desenvolvido na vida religiosa a força para o desenvolvimento de seu trabalho. “Tem que ter uma visão espiritual com as crianças, se não com setenta crianças tu pira [...]”. Ainda sobre os comportamentos das crianças, a ex-religiosa comentou um fato relacionado às travessuras delas: “[...] eles foram levar as crianças no banheiro e aí eu os deixei sozinhos, no fim eu queria me acabar, tive que dar banho em todos. Todos de piquinhos nas mãos ou na cabeça, se fazendo de soldado e aí sujou tudo” (Helena Patel Magagnin, 2005).

O Jardim, nos anos de 1970, tinha aproximadamente 70 crianças, distribuídas entre manhã e tarde. No trabalho com as crianças, ela contava com o auxílio de uma Aspirante. As crianças traziam seus próprios cadernos e no Jardim de Infância havia alguns livros de literatura infantil, não muitos. A fim de se aperfeiçoar, a ex-freira costumava participar dos cursos promovidos para as jardineiras, nos quais ela se reunia com outras religiosas. Eram feitas discussões de caráter pedagógico e também produção de materiais para o trabalho com as crianças. Quando não havia material suficiente, as mães contribuíam com recursos para a compra. Além das atividades rotineiras, ela ensinava muitos cantos às crianças, alguns de cunho religioso e também cívico, como o Hino Nacional. Sobre esses momentos, Helena comentou que as crianças “[...] cantavam e eu só sei dizer que era uma alegria, a gente não via o tempo passar, era uma coisa assim linda” (Helena Patel Magagnin, 2005).

Ressaltou que já não havia mais aquela abundância de presentes distribuídos no final de ano pela empresa. Isso é compreensível se considerarmos que nesse período, após 1968, a CSN já havia desencadeado uma reestruturação dos seus setores em Santa Catarina, transformando a Carbonífera Próspera em uma de suas subsidiárias,

que incorporou a unidade de Siderópolis. Nesse momento, os operários da empresa já não contavam mais com muitos benefícios sociais, além disso, o convênio já estava muito próximo de ser interrompido, fato que se deu em 1977, segundo o histórico da congregação das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade.

Em relação aos livros infantis, um pedido datado de julho de 1963 demonstra o quanto as freiras davam importância para esse tipo de material. Naquela ocasião, elas solicitaram à CSN a compra de 85 títulos, 8 deles para atender às faixas etárias de três, quatro, cinco e seis anos, todos da Edição Melhoramentos. Segue o quadro com os livros solicitados de acordo com a faixa etária:

Quadro 2: Relação de livros infantis solicitados à CSN para compra, por faixa etária (1963)

FAIXA ETÁRIA DAS CRIANÇAS	TÍTULOS DOS LIVROS
3 anos	Ursinho Tedi, Elefante Elmar, O Sonho de Rancho, Os Três Pimpolhos, Como Vai Jaci, Na Ilha dos Brinquedos de Pano, Jaci passeia de barco, Os sapatos de Pedrinho, O automovelzinho de Pitoco, O trenzinho, Teteia a patinha esquecida, O menino corajoso, A Girafa feliz, História muda de dois Peixes, Nossos amigos da fazenda, Jaci vai à fazenda, Os irmãos gêmeos, Mimoso o carneirinho preto, O burrinho verde, Os dois viadinhos, Os dois ursinhos, Os dois cangurus, A balsa da dona Catarina, Joca, A horta do Juquinha, O pintarasco fazedor de laços, e No circo.
4 anos	Os dois irmãos, Zé Carioca, Joca burrinho voador, Pintinho conta até 10, Papagaio real, Álbum de surpresas, Aventuras de um ursinho, Bichinhos travessos, A cidade das crianças, Oscar e seu cãozinho, Crianças em férias, e Aves brasileiras.
5 anos	O coelho e a onça, A rainha das borboletas, A raposa e a onça, Branquinho e o chocolate, O novo bebê, Violeta a rosa lustrada, Peter Pan e os três irmãos.
6 anos	O patinho feio, Janjão o que era cachorro, História maravilhosa da arca de Noé, Peter Pan e os piratas, Peter Pan e os índios, A bela adormecida, Cantos divertidos, O sapo e o ouriço, A pata da onça, O sapo e a anta, Rito: o carneiro sujo, Não provoque o leão, A oncinha ambiciosa, O sapo Bonifácio, Os três gatinhos órfãos, Papa moscas, Bonequinha preta, A história do trem de ferro, Que animal é este?, Os alimentos e sua história, As habitações e sua história, Os transportes e sua história, As vestimentas e sua história, A história do ferro e do aço, A cidade das abelhas, Nossos amigos de outras terras, Como viviam os primeiros homens, A história do ouro, A história do ferro, O gato de botas, Um coração de crianças, A gata borralheira, Meus livrinhos, Aqui estão eles, O coelhinho de asas vermelhas, Teo e Tico e os animais, O melhor brinquedo.

Fonte: Rabelo (2007, p. 220).

Ao considerarmos as idades que serviram de referência para o pedido de compra dos livros infantis, podemos concluir que eram as faixas etárias atendidas no Jardim de Infância em 1963.

⁸ Correspondência enviada pelas religiosas à CSN, datada de 26 de julho de 1963, solicitando a compra de livros infantis para o Jardim de Infância.

Um outro evento importante na vida das crianças que frequentaram o Jardim de Infância era o dia da formatura. As festividades ocorriam nas dependências do Jardim ou no Recreio do Trabalhador.

No Relatório de Atividades do Instituto Nossa Senhora de Lourdes, do ano 2000, está registrado que no convênio firmado entre as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade e a CSN, além do atendimento às crianças no Jardim de Infância, elas se comprometeram a prestar serviços de assistência religiosa, social e sanitária às famílias dos operários. No mesmo convênio, a CSN se comprometeu a fornecer moradia, luz, alimentação, transporte, assistência médica e salário às Irmãs. Um novo convênio foi firmado em 1968 com a Carbonífera Próspera S.A.⁹, por meio do qual a congregação passaria a ter os mesmos direitos e deveres (CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE, 2000).

Antes da renovação desse convênio, em 04 de outubro de 1968, uma das freiras, a irmã Tarcísia Cardoso, ficou responsável pelo desenvolvimento do trabalho de puericultura com as crianças das famílias residentes na Vila Operária de Fiorita e do centro da cidade, em parceria com as Pequenas Irmãs da Divina Providência, nessa época coordenadoras do trabalho de Assistência Social da Sociedade de Assistência aos Trabalhadores do Carvão (SATC).

Figura 10: Bebê sendo vacinado pela freira no Serviço de Puericultura



Fonte: Arquivo da SATC (2006).

⁹ Ao final da década de 1960, há uma reestruturação administrativa da CSN em Santa Catarina e as suas unidades deixam de ter o controle direto da estatal, passando a serem incorporadas pela Carbonífera Próspera S.A., subsidiária da CSN (MORAES; GOULARTI FILHO, 2005, p. 6).

Em 1977, o convênio com a CSN foi encerrado e a congregação justifica esse rompimento devido ao fato de já contarem com poucas religiosas (CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE, 1979).

Apesar de no convênio entre as Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade e a CSN ficar estabelecido que as religiosas deveriam prestar serviços de assistência religiosa, social e sanitária às famílias dos operários, elas tiveram uma atuação mais voltada para o Jardim de Infância e à assistência religiosa às famílias. Em Siderópolis, a estatal contava com um grande aparato assistencial, o que fez do trabalho das missionárias um complemento e não algo central para as famílias dos trabalhadores.

CONCLUSÃO

Notam-se fortes indícios de que o trabalho realizado pelas Pequenas Missionárias da Caridade cumpriu os objetivos da congregação no atendimento à primeira infância, como atendeu, também, às demandas sociais que emergiram das vilas operárias da Carbonífera Treviso e da CSN em Siderópolis.

O Jardim de Infância foi um espaço de atuação importante para elas, pois nele puderam pôr em prática os princípios de sua pedagogia moderna, mas sem abrir mão de seus princípios missionários. Percebe-se que elas pretendiam produzir, por meio dos trabalhos desenvolvidos no Jardim de Infância e em outras atividades, uma infância voltada para a religiosidade, para os bons comportamentos e para a ampliação de conhecimentos.

Pode-se afirmar que o Jardim de Infância foi de extrema importância para as crianças que o frequentaram, mas não apenas isso, visto que ele também representou um importante investimento social feito pelas carboníferas. Toda a estrutura moderna e imponente oferecida pela CSN, por exemplo, teve, certamente, um objetivo primordial: formar futuros operários sadios e bem comportados.

O novo entendimento de infância, que resultou na sua individualização e institucionalização, atravessou o cotidiano das vilas operárias da região carbonífera, o que certamente gerou uma mudança cultural, com o objetivo de integrar as crianças, filhos e filhas dos mineiros, à sociedade industrial, a fim de promover o desenvolvimento de suas aptidões, pautado nos pressupostos modernos de educação.

Pode-se inferir que o trabalho das Pequenas Irmãs Missionárias da Caridade procurou moldar a infância, associando, principalmente, saberes pedagógicos e religiosos e, além disso, valores patrióticos.

Por meio deste estudo, verificou-se a importância da investigação histórica em relação à educação infantil que fica aos cuidados de instituições religiosas e às suas práticas pedagógicas para alcançarmos uma compreensão desse nível de educação ainda hoje tão pouco discutida.

REFERÊNCIAS

CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS DA DIVINA PROVIDÊNCIA. **Álbum/Relatório de Atividades das Pequenas Irmãs da Divina Providência na Vila Operária da Próspera (1955-1957)**. Criciúma, 1955-1957

ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Frebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 20, p. 107-120, Maio/Jun./Jul./Ago. 2002.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da família**. Rio de Janeiro: Ed. LTC, 1981

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL - CSN. Departamento de Pessoal e Social de Santa Catarina. **Relatório de atividades**. Tubarão, 1943-1945-1966-1970.

COMPANHIA SIDERÚRGICA NACIONAL - CSN. **Direção de pessoal e de serviços sociais**. Regulamento de assistência à saúde. Tubarão, 1970.

CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. **Relatório do Jardim de Infância Nossa Sra. Aparecida**. Siderópolis, 1966, p. 5.

CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. **Histórico da Congregação das Pequenas Missionárias da Caridade**. Siderópolis, 1979

CONGREGAÇÃO DAS PEQUENAS IRMÃS MISSIONÁRIAS DA CARIDADE. **Relatório das Atividades do Ano 2000**. Siderópolis, 2000.

COSTA, Marli de Oliveira. **Arte de viver**: recriando e reinventando espaços, memórias das famílias da vila operária mineira Próspera - Criciúma (1945/1961). 1999. 206 f. (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL DE SANTA CATARINA – DSS. **Relatório do DSS/SC-1**. Tubarão, 16 de setembro de 1962

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL- **Relatório do DPS-SC/CSN**. Tubarões, 1966, p. 12-13.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Ed. Vozes, 1996.

GÉLIS, Jacques. A individualização da criança. In: **História da vida privada**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 311-329.

INSTITUTO NOSSA SENHORA DE LOURDES. **Histórico do Instituto Nossa Senhora de Lourdes**. Siderópolis, [19--?].

KUHLMANN JR., Moyses. O jardim-de-infância e a educação das crianças pobres: final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da infância brasileira: 1875-1983**. Campinas: Autores Associados, 2001, p. 3-30.

MORAES, Fábio de Farias de; GOULARTI FILHO, Alcides. **A Companhia Siderúrgica Nacional na formação do complexo carbonífero catarinense**. Disponível em: <http://www.fee.tche.br/sitefee/download/jornadas/2/e6-01.pdf>. Acesso em: 20 Dez. 2006

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão**: pedagogias missionárias no sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX. 2007. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar 1890-1930. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

ZACHARIAS, Manif. **Minha Criciúma de ontem**. Criciúma: Ed. do autor, 1999.

FONTES ORAIS

Emeri Daleffe. Comerciante na antiga Vila Operária Fiorita até os dias de hoje. Nasceu em 31/01/1940, em Siderópolis. Entrevista concedida a Giani Rabelo em 11/08/2005, em Siderópolis/SC.

Emília Bragança Gyrão. Viúva do Dr. Gyrão, médico da CSN em Siderópolis. Nasceu em 20/03/1934, em Belo Horizonte/MG. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 30/06/2005, em Criciúma/SC.

Manoel Ângelo Domingos (Dequinha). Operador de máquinas da CSN em Siderópolis. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 08/08/2005, na cidade de Siderópolis/SC.

Maria de Lourdes Daboita Pereira. Ex-freira da Congregação das Pequenas Missionárias da Caridade. Atuou como auxiliar de sala no Jardim de Infância da Vila Operária de Fiorita. Nasceu em 10/04/1949, em Siderópolis. Entrevista cedida a Karina Kilipper, em 25/09/2008, em Criciúma/SC.

Helena Patel Magagnin. Ex-freira da Congregação das Pequenas Missionárias da Caridade. Atuou como professora no Jardim de Infância da Vila Operária de Fiorita. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 10/08/2005, na cidade de Criciúma/SC.

João Rossa. Trabalhou durante muitos anos na Casa de Hóspedes da CSN em Siderópolis. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 11/08/2005, na cidade de Siderópolis/SC.

Jonas Laurentino da Silva. Morador da antiga Vila Operária Fiorita até os dias de hoje. Nasceu em 15/03/1953, em Siderópolis. Entrevista concedida a Giani Rabelo, em 10/09/2008, em Siderópolis/SC.

NOTAS

TÍTULO DA OBRA

AS PEDAGOGIAS MISSIONÁRIAS E O ATENDIMENTO À PRIMEIRA INFÂNCIA NA VILA OPERÁRIA DE FIORITA (SIDERÓPOLIS-SC)

Missioanary pedagogies and the childhood of the village of Fioreta (Siderópolis-SC)

Giani Rabelo

Doutora em Educação
Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC
Programa de Pós-Graduação em Educação- PPGE
Criciúma, Brasil

gra@uesc.net

 <https://orcid.org/0000-0002-3304-8268>

ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

Rua Severino Pizzetti, 150, Bairro Ceará, CEP 88815-094, Criciúma, SC, Brasil.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos/as depoentes que contribuíram fortemente para a realização da pesquisa.

CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Concepção e elaboração do manuscrito: G. Rabelo

Coleta de dados: G. Rabelo

Análise de dados: G. Rabelo

Discussão dos resultados: G. Rabelo

Revisão e aprovação: G. Rabelo

CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

O conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo não está disponível publicamente.

FINANCIAMENTO

Não se aplica.

CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

LICENÇA DE USO – uso exclusivo da revista

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

PUBLISHER – uso exclusivo da revista

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

EDITORES – uso exclusivo da revista

Márcia Buss-Simão e Kátia Agostinho.

HISTÓRICO – uso exclusivo da revista

Recebido em: 24-03-2020 – Aprovado em: 22-10-2020